

DOSSIÊ: *Capturados pela cidade.* Perspectivas em pesquisa urbana: Nova York, Paris, Rio de Janeiro

Apresentação: Jorge de La Barre e Marco Antonio da Silva Mello

Os elementos do presente dossiê foram reunidos inicialmente no quadro do projeto de pesquisa intitulado “Renovação urbana no Rio de Janeiro: perspectivas antropológicas”, integrado ao PPGA-UFF e ao LeMetro-IFCS/UFRJ sob a supervisão do Professor Marco Antonio da Silva Mello, no quadro do programa Pesquisador Visitante da FAPERJ. Em julho de 2014, foi necessário interromper esse projeto após apenas dois meses de andamento, por ter Jorge de La Barre tomado posse no cargo de Professor do Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (GSO/ICHF-UFF). Apesar do encerramento da bolsa FAPERJ, a publicação desses elementos em *Antropolítica* um ano depois quase *jour pour jour* deve-se apenas à persistência das nossas conversas sobre a importância de fortalecer as pontes acadêmicas entre os vários horizontes disponíveis diante de nossos olhos, considerando a urgentíssima e inevitável questão da *gentrification*. Pensamos no tempo, e pensamos no espaço – aqueles ao alcance da nossa experiência vivida, pelo menos: Rio de Janeiro, Paris e Nova York. Bastante eclético é o resultado contido neste caleidoscópio urbano, como não poderia deixar de ser. O presente dossiê “*Capturados pela cidade. Perspectivas em pesquisa urbana: Nova York, Paris, Rio de Janeiro*” reflete uma dupla preocupação espaço-temporal e tem três segmentos: “Sobre Estudos de cultura urbana”, “Sobre *gentrification* e capitalismo espetacular” e “Revisitando arqueologias urbanas”.

O primeiro segmento deve-se à tentativa de consolidar uma ponte entre o Rio e Nova York: o livro editado por Blagovesta M. Momchedjikova, professora da *New York University* – *Captured by the City: Perspectives in Urban Culture Studies* (cujo título, é inútil lembrar, inspirou largamente o nome do presente dossiê), é um estímulo para qualquer pesquisador fascinado por cida-

de(s) e interdisciplinaridade(s). A introdução-manifesto do livro, aqui traduzida, lança um desafio maior para a etnografia urbana, mas não revelaremos qual: é uma surpresa! Limitamo-nos a lembrar-lhes o quanto, de Henri Lefebvre ao *smartphone*, o único ponto de vista crítico sobre o cotidiano continua sendo o *aqui e agora*, com todas as suas potencialidades...

Convidamos nossos colegas Clarissa da Costa Moreira (UFF/EAU), Pedro Paulo Thiago de Mello (LeMetro-IFCS/UFRJ) e Daniel Veloso Hirata (UFF/GSO), para um exercício arquitetônico, pois nós somos capturados pela cidade aqui também: vamos criar pontes?! Moreira faz uma ponte entre as remoções descritas por Lois Ascher, ocorridas no West End de Boston, em 1958, e as remoções em curso, quase diariamente no Rio de Janeiro para receber os megaeventos esportivos, da Zona Portuária à Vila Autódromo. A partir do estudo de Tolonda M. Tolbert sobre a gentrification num bairro de Brooklyn, a ponte de Thiago de Mello nos leva para as etnografias do bairro parisiense de Aligre e do carioca Botafogo, cuja identidade ligada ao samba vai sendo confrontada por outras identidades que os novos moradores estão trazendo para lá. Hirata explora, a partir do artigo de E. Jerry Persaud sobre o gangsta' rap, as possibilidades analíticas de uma ponte entre a violência nas letras e na linguagem da "hood" ou "quebrada", e uma bibliografia brasileira sobre favela e periferia. Sem dúvida, curtos ecos das nossas "capturas" urbanas brasileiras irão estimulando mais interdisciplinaridades e mais estudos de cultura urbana no Brasil. Por seu turno, La Barre em "A inversão dialética do cotidiano: situando *Capturados pela cidade* na temática urbana contemporânea", acompanha esse desejo com uma leitura comparada entre os *Estudos de cultura urbana* de Blagovesta M. Momchedjikova, e os *Estudos culturais urbanos* de Benjamin Fraser, também muito recentes. Os dois reiteram a relevância de Michel de Certeau e Henri Lefebvre na pesquisa urbana contemporânea – embora por motivos diferentes, como veremos.

No segundo segmento, a ideia inicial era apresentar a atualidade do debate sobre *gentrification* no mundo anglo-saxônico (Estados Unidos e Reino Unido), a partir de uma série de traduções de artigos da revista *City, analysis of urban trends, culture, theory, policy, action*, especializada na questão. De-

pois de meses de negociação com os editores da Taylor & Francis (proprietários da City e também da Routledge, entre várias outras prestigiosas edições acadêmicas), a publicação dos seis artigos que tínhamos selecionado e traduzido para o dossiê, como sendo dos mais emblemáticos do debate atual sobre *gentrification*, infelizmente não foi autorizada. Tudo bem, nos divertimos traduzindo! E para quem lê inglês, guardamos as referências, todas disponíveis online no site da City.¹ Para além desses debates fascinantes, o artigo de Silva Mathema faz um balanço importante da literatura sobre a questão nos Estados Unidos até 2013.

Quanto ao artigo de Norman Oder sobre Brooklyn, já seria um clássico, não fosse a triste banalidade do processo de *gentrification*, agora na sua vertente esportiva e *espetacular* – desenvolvimento mais recente do capitalismo do mesmo nome.² Muito para refletir, pensando em pontes cariocas à hora das Olimpíadas de 2016... O megaprojeto *Atlantic Yards* condensa todos os elementos que já cansamos de contabilizar pensando nos megaempreendimentos destinados a transformar radicalmente o espírito dos lugares (transformar por quê? Para quem?). Deixaremos o leitor apreciar a descoberta; vamos nos limitar a dar aqui um palpite sobre o *Barclays Center*, o estádio-sede dos *Nets* situado em pleno *downtown* Brooklyn (do nome do banco inglês patrocinador do projeto, em falência atualmente). E os *Nets*: o time “ancestral” de basquete, recém-renascido graças ao fórceps mercadológico do banco acima referido, e no entanto representando (para os EUA, para o mundo) o mesmo Brooklyn de sempre, tão *real*, tão autêntico.

¹ MARCUSE, Peter. From critical urban theory to the right to the city. *City*, v. 13, n. 2, p. 185-197, 2009; SLATER, Tom. Missing Marcuse: On gentrification and displacement. *City*, v. 13, n. 2, p. 292-311, 2009; HAMNETT, Chris. The new Mikado? Tom Slater, gentrification and displacement. *City*, v. 13, n. 4, p. 476-482, 2009; SLATER, Tom. Still missing Marcuse: Hamnett's foggy analysis in London town. *City*, v. 14, n. 1, p. 170-179, 2010; HAMNETT, Chris. On gentrification. “I am critical. You are mainstream”: a response to Slater. *City*, v. 14, n. 1, p. 181-186, 2010; MARCUSE, Peter. On gentrification. A note from Peter Marcuse. *City*, v. 14, n. 1, p. 187-188, 2010. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/toc/ccit20/current#.VaUF1_lViko>. Acesso em: 5 jul. 2015.

² Ver por exemplo BARBROOK, Richard. *Class Wargames. Ludic Subversion against Spectacular Capitalism*. Brooklyn, NY: Minor Compositions/Autonomedia, 2014; BERGMANN, Alexander (ed.). *Music-City, Sports-City, Leisure-City. A reader on different concepts of culture, creative industries and urban regeneration attempts*. Bauhaus-Universität Weimar: Institut für Europäische Urbanistik, 2008; GILMAN-OPALSKY, Richard. *Spectacular Capitalism*. Guy Debord & the Practice of Radical Philosophy. Brooklyn, NY: Minor Composition/Autonomedia, 2011.

Finalmente, o segmento “Revisitando arqueologias urbanas” apresenta, com três textos e um anexo, mais um aspecto da perspectiva espaço-temporal já evocada: as cidades de hoje, desde a Paris dos anos 1970-80 e o Rio de Janeiro dos anos 1980 – lembrando o quão permanente e transversal a transformação urbana pode ser... Publicado na *Revue française de sociologie* em 1970, “*Proximité spatiale et distance sociale, les grands ensembles et leur peuplement*” é uma referência obrigatória em sociologia urbana. O artigo trata de um capítulo importante da sociedade francesa cuja modernização é refletida por uma urbanização rápida. Iniciado logo no pós-Guerra e ao longo dos anos 1950, o *boom* das “*banlieues nouvelles*” (novos subúrbios) vai se mantendo durante a década seguinte, acompanhado por grandes esperanças sobre uma sociedade francesa em plena formação na qual os grandes conjuntos habitacionais iriam precisamente simbolizar um novo modelo de desenvolvimento integrado – econômico, social e cultural.

Pensando em outra referência importante da sociologia urbana francesa decidimos incluir um artigo que há tempo alimentava nossas conversas sobre a dimensão vivida, antropológica e não apenas urbanística, do *habitat*. Publicado em 1982 nos *Cahiers internationaux de sociologie*, “Elementos para uma nova reflexão sobre o habitar”, da socióloga Maïté Clavel, constitui, até hoje, uma rara ocasião para visitar uma noção esquecida: *o habitar*. Nesse texto sugestivo, a reflexão vai se espalhando a partir da Paris dos grandes conjuntos habitacionais dos anos 1970, à Londres “verde” dos anos 2000 – o país “de lugar nenhum” imaginado por William Morris em 1890, cujos habitantes vão (re)descobrir as delícias do campo –, passando pela poética da casa-refúgio da infância (atemporal?) de Gaston Bachelard. Talvez implicitamente, a socióloga da Universidade de Paris X-Nanterre estivesse invertendo uma tendência inexorável dos nossos tempos, (re)passando *do urbano ao rural*. É justamente isso que permite a vigência da noção-fronteira de habitar: uma passagem, uma circulação entre rural e urbano.

Last but not least, o artigo de Felipe Berocan Veiga e Marco Antonio da Silva Mello nos leva de volta ao Rio de Janeiro do início dos anos 1980, quando uma tentativa de aproximação e diálogo entre estudos urbanos de várias

áreas – antropologia e sociologia, história e arqueologia, arquitetura e urbanismo – estava sendo pensada para um possível *Laboratório de Arqueologia Urbana*, no Museu Nacional. Os autores retraçam detalhadamente o contexto e os desdobramentos de um projeto inovador (porém não implementado), inspirado nomeadamente pela então recente experiência etnográfica de Arno Vogel e Marco Antonio da Silva Mello no bairro do Catumbi (*Quando a rua vira casa*, 1980). Projeto cujo espírito e ambição ajudam a pensar melhor nossos tempos ambíguos quando, paradoxalmente, a sempre renovada exigência de *patrimonialização* vem acompanhando e justificando uma *renovação urbana e humana* frenética, muitas vezes violenta, da Zona Portuária e suas adjacências à Praça Tiradentes. Junto com seu anexo – o Projeto em questão, escrito em 1982 por Arno Vogel e Marco Antonio da Silva Mello – essa contribuição tira do esquecimento um pedaço importante da história urbana contemporânea do Rio de Janeiro, fechando assim o presente dossiê *en toute beauté* – isto é, *além de todas as ruínas*.

AGRADECIMENTOS

- Ao Patrick Burglin, pela revisão das traduções dos artigos de Blagovesta M. Momchedjikova, Silva Mathema e Norman Oder.
- À Clarissa da Costa Moreira, pela revisão da tradução do artigo de Maité Clavel e pela revisão do artigo de Jorge de La Barre.
- À Maíra Machado-Martins, pela revisão da tradução do artigo de Jean-Claude Chamboredon e Madeleine Lemaire.